

João Tordo

O LIVRO DOS HOMENS SEM LUZ

Romance



Quando fiz trinta e cinco anos nada tinha a que pudesse chamar meu. Não possuía casa própria ou emprego fixo, amigos ou conhecidos de que me pudesse orgulhar, conforto financeiro ou qualquer perspectiva de futuro. Vivia sozinho num apartamento modesto, o terceiro andar de uma antiga habitação social em Finsbury Park, em frente de uma residência de estudantes – um edifício antigo de tijolo castanho que parecia derreter com a chuva e que albergava toda a espécie de gente. Na altura, julguei que iria apodrecer ali o resto dos meus dias, antes de descobrir o estranho destino que me estava reservado.

Duas janelas, que enfrentavam a janela central da minha sala, deixavam espreitar na escuridão os quartos de dois rapazes de hábitos pouco comuns. Um deles caminhava toda a noite de um lado para o outro, uma mão atrás das costas, a outra coçando repetidamente a testa num tique nervoso. Era um homem grande; era, aliás, um dos homens mais possantes que eu alguma vez vira, de ombros colossais e cabeça rapada. No quarto ao lado morava um estudante franzino e nervoso – deduzi que era estudante pelos livros que vinha amontoando no chão, pilhas assimétricas sem ordem aparente – que vezes sem conta ligava e desligava a luz a meio da noite, fumava, se sentava na cama com a cabeça entre as mãos.

Como sei isto? Era o meu passatempo. A paisagem inóspita de Londres dava-me cabo dos nervos, e o sono demorava a chegar. Sentado no sofá encardido, olhava estes dois estranhos e bebia umas cervejas, esperando que as horas passassem. Tudo o que aqui contarei, no entanto, é o resultado de uma dificuldade em evocar o passado – esforço-me por recordar, mas por vezes é difícil – e surpreende-me que tantos detalhes tenham ficado impressos como pedaços de vidro cravados na minha memória. Talvez isto aconteça porque foram, na altura, peças de um estranho *puzzle* que me competia montar. Quando penso no que me aconteceu, certas noites são chapas fotográficas que consigo ver passar diante dos meus olhos, como se estivesse agora nelas, uma espécie de murmúrio que vem do passado, um ataque à consciência confusa.

Tenho de escrever antes que morra. As circunstâncias sabê-las-ão depois. Uma pessoa nunca sabe quando vem a morte, e se vem de mansinho, sem avisar, então é preciso tomar cuidado. A minha primeira impressão de morte surgiu quando compreendi que a minha vida deixara de me pertencer, ou, atrevo-me a dizer, nunca me pertencera. Este sentimento nasceu uma noite em que, ao regressar a casa vindo do escritório, encontrei o meu apartamento no Sul de Londres em chamas. A minha mulher e a minha filha dormiam a essa hora, talvez não tivessem dado por nada.

Eu era um mero empregado de uma firma de importação e exportação marítima e, durante os cinco anos que ali trabalhara, nunca havia comparecido aos jantares da empresa e nunca convivido com os meus colegas. Nessa noite, no entanto, alguém me sussurrara ao ouvido: «Não vás para casa tão cedo.» Tomado, assim, de uma iniciativa que não era a minha, convidei uns quantos colegas para umas cervejas num bar em Westbourne Park. Era a primeira vez que entrava num *pub* desde os tempos de faculdade,

e encontrei no ambiente uma espécie de conforto sorrateiro, de anestesia local, que me fez indagar se a vida que eu vivia seria realmente a que me estava destinada. Nessa noite, ao regressar a casa, as chamas varriam o negrume celestial como uma labareda do inferno. Tudo se fora para mim, que era sobretudo ou unicamente um homem de família, imbuído de um amor sobrenatural pelas criaturas que habitavam o meu coração.

A verdade é que eu era um empregado-fantasma numa firma que suspeitava ser também uma engenhosa criação de inutilidade. Do primeiro ao último dia no trabalho, partilhei um pequeno gabinete de duas mesas e um separador em vidro com um colega cuja missão desconhecia por completo. Era um homem novo, ruivo, ensimesmado, que usava uma aliança na mão direita e camisas sobretudo azuis. Eu desconfiava de que ele era possuidor de um temperamento irascível, porque de tempos a tempos o ouvia murmurar palavras agressivas ao telefone, fazendo o possível por disfarçar a voz, mas incapaz de esconder uma ira contida. A sua presença não me incomodava nem me dava alegria, mas considero ter sido a vacuidade dos meus dias na firma a despertar-me a atenção para estes pormenores que são, no mínimo, indiscretos.

As minhas obrigações profissionais eram simples. Havia sido contratado para supervisionar os acidentes marítimos na costa de Inglaterra que provocassem danos na carga das importações e exportações da empresa. Durante os primeiros meses em que a minha secretária se encontrou imaculada, nem um papel fora do sítio, as canetas dispostas como varinhas de condão no copo, o computador permanentemente ligado, emitindo o brilho azul, considerei-me um empregado honesto e, sobretudo, paciente. Havia-me sido dito que existiam períodos de poucos ou nenhuns acidentes, que se deviam aos avanços tecnológicos das frotas marítimas. Quanto menos trabalho tivesse, melhor seria para a firma.

Senti-me orgulhoso, durante uns tempos, em nada ter de fazer excepto invocar uma e outra vez a benesse que eu era para aquele local, o homem que, tendo sido contratado para trabalhar, toda a gente desejava que nenhum trabalho lhe viesse parar à secretária. Para me manter ocupado durante o expediente, telefonei para as outras companhias marítimas na cidade e apresentei-me, sou fulano tal e tal, faça isto e aquilo, mas fui sempre recebido com uma estranha dose de impaciência ou indiferença pelos meus colegas de profissão. Tentei também contactar as transportadoras para assegurar que os meus serviços se encontravam à disposição, mas os telefones ou se encontravam constantemente impedidos ou quem atendia do outro lado era um estrangeiro cuja língua eu desconhecia. O orgulho transformou-se lentamente em resignação, a resignação em aborrecimento, e o brilho azul ofuscante do computador num mar de perguntas e respostas que eu fazia e a mim próprio respondia o dia inteiro, quantas estrelas tem o céu, quantos barcos navegam neste momento no oceano, quantos meses e minutos tem a minha filha.

Passou-se um ano, passaram-se dois, três e quatro. Nunca ninguém entrou no pequeno gabinete que eu partilhava com o homem ruivo para anunciar: *houve um acidente*. Nunca foi depositada na minha secretária a papelada angustiante de um naufrágio, os números e contas que são como o gelo à superfície de uma sopa de dramas e morte em alto mar. Em todo o meu tempo na firma, não trabalhei um dia que fosse. A minha vida era suspensa diariamente, do momento em que saía de casa até ao momento em que regressava, e para além disto nada mais existia, excepto a chuva e o calor envergonhado de alguns dias de Verão. O que eu não sabia então era que o meu trabalho, apesar de em nada consistir, se tornara o meu ponto de refúgio. Foi curioso que, para terminar uma saga silenciosa de cinco anos à espera de um acidente no mar, ocorresse um acidente em terra do qual

eu não tinha o conhecimento nem a experiência para dar conta, sobre o qual eu não sabia preencher a papelada. Haveria outro homem algures em Londres que, à luz moribunda daquela manhã de Outono, trataria do assunto, um homem que, ao contrário de mim, estaria preparado para o meu acidente, apetrechado para lidar com o meu destino.

Passei a noite acordado, sentado num banco da paragem do autocarro, apesar de a Polícia insistir em que me colocariam num hotel. Eu recusei, um homem não pode nem deve procurar o conforto numa altura como essa. Na manhã seguinte, para meu enorme espanto, apresentei-me ao trabalho. Tenho uma recordação dessas horas ainda mais fraca do que do resto. Não recordo o que me disse o meu companheiro ruivo, mas senti que ele sabia, como toda a gente o saberia por essa altura. O homem dos acidentes marítimos teve um acidente em terra, coitado. Ele deve ter dito umas palavras de consolo, pois durante uma hora olhei para o azul do computador que se desmanchou e alastrou até perder de vista. Eram lágrimas que caíam sobre a minha camisa amarrotada, mas lágrimas que eu desconhecia, que não havia invocado. Abriu-se uma torneira e assim foi toda a manhã. Quando o reservatório ficou vazio, a minha decisão estava tomada – esse seria o meu último dia de trabalho.

Arrumei as minhas coisas dentro da mala que carregara todos os dias. Desliguei o computador puxando a ficha da corrente e o azul implodiu. Tirei a gravata, que meti dentro da mala, e fechei-a, como se fechasse também nela um tempo que já não me pertencia. Foi então que, pela primeira vez, o homem ruivo se dirigiu a mim. Ergui o olhar, que era ainda uma dispersão turva, e vi-o caminhar na minha direcção, parecendo subitamente maior do que alguma vez julgara. Estendeu-me a mão, eu apertei-a, um pulso forte e vigoroso. Era um gesto de despedida. Depois ele disse:

«Aconselho-o a telefonar a um amigo meu.»

Entregou-me um papel com um número e foi assim o meu último momento naquele lugar.

Porque tudo deixou de ter importância, aluguei o primeiro apartamento que me mostraram. O senhorio escancarou a porta de um antro de pó e pulgas com duas divisões, despido de qualquer conforto. No quarto de dormir, uma cama de solteiro com um cobertor laranja ficava encostada ao aquecedor, um daqueles modelos antigos de ferro ondulado, ao lado um pequeno móvel raso onde repousava um espelho de mão circular; quanto à sala, nada mais do que um sofá comprido – que em tempos poderia ter sido de bom gosto – coberto com uma manta para esconder os buracos de cigarros e o estofó à superfície, uma mesa de jantar e uma escrivaninha com uma perna mais curta do que as outras três. Atraíram-me, contudo, as janelas da sala que mostravam o edifício dos estudantes e as dezenas de janelas iluminadas, os tijolos, a rua coberta de lixo, embalagens de plástico, beatas de cigarros, o cuspo dos transeuntes.

Fiquei. Trouxe as poucas coisas que ainda tinha – uma muda de roupa que estivera guardada no escritório, a mala, três bilhetes de autocarro usados, uma fotografia dos mortos que costumava repousar na mesa do trabalho e que coloquei sobre a escrivaninha – e sentei-me no sofá. Durante uns dias, observei o que se passava em meu redor. As fendas no soalho, os estalidos da madeira, o zunir constante do aquecimento, o ranger das molas do encosto. Senti a implacável solidão enclausurar-me, tomar-me por presa fácil, e deixei-me ir. Foi uma bela viagem pelo interior de mim mesmo que eu desconhecia. Nunca tinha atravessado um deserto tão imenso, nunca havia compreendido que o passado não tem realmente existência, que estar ali sentado era igual a estar enterado vivo. Se me perguntassem então quem era, não saberia o que dizer. Apontaria para a fotografia dos mortos e encolheria

os ombros, pois nada mais era real senão aquela inútil evidência. Por isso a guardei, como documento daquilo que fui, pois nada tem valor se não for documentado. A memória é a forma mais precária de documentação porque morre quando aquele que relembra morre; é como se a vida fosse o documento de si própria – uma vida que, a cada momento, se esquece de si.

Foi nestes primeiros dias que me familiarizei com as rotinas do estudante franzino e do homem colossal. Pareceu-me tão evidente que eles estivessem ali, duas figuras recortadas na noite, padecendo de uma doença desigual. O prédio onde então vivia era silencioso, vagos passos no vão de escada faziam parte da rotina matinal, mas não mais do que isso. Era como se tivesse sido transportado para um mundo de silêncio, para o espectáculo de um filme mudo que se repetia noite após noite. Os gestos de um eram meticulosos, como um cronómetro, os passos firmes e resolutos. O outro era uma espécie de destroço, um rapaz novo mas com o peso do mundo em cima dos ombros, que inesperadamente surgia como um clarão na madrugada quando a luz se acendia para o revelar ainda acordado. Naquelas duas janelas, lado a lado, eu tinha perante mim as duas faces de uma moeda, duas forças opostas.

Os acontecimentos que quero relatar tiveram então início. Na altura, eu era uma espécie de larva dentro de um casulo, e não poderia adivinhar o que iria suceder, nem que estaria de certa maneira ligado àqueles dois rapazes de quem me tornara um companheiro invisível e silencioso, um admirador secreto. Suponho que estas coisas só acontecem no momento em que uma visão – ou um sentido para as coisas – é interrompido por um acontecimento inesperado, daqueles com que não contamos e que nos deixam estupefactos.

Foi muito antes de o homem colossal dar pela minha presença. Tinha comprado nesse dia, numa loja com cheiro a incenso, uma



garrafa de vinho tinto recomendada por um homem de turbante que se sentava atrás do balcão com um gato. Abrira a garrafa e sentara-me já preparado para o líquido adocicado me tingir os lábios de vermelho e me induzir ao sono, o cobertor de malha laranja sobre os joelhos. Havia passado talvez dois meses desde que me mudara para o apartamento, que deixara propositadamente, ou talvez por preguiça, exactamente como encontrara. Era uma noite fria mas imaculada e limpa, não chovera, o ar estava seco, uma ligeira brisa corria entre as árvores.

O silvo do aquecimento penetrava-me um sonho acordado quando a luz se acendeu no quarto da esquerda, e foi então que vi o movimento de dois corpos, o estudante franzino e uma rapariga, a quem não conseguia ver as feições, deitada na cama. Fora o estudante que acendera a luz, e sentava-se agora na posição habitual à beira da cama, os cotovelos pousados nos joelhos, os dedos cruzados, a cabeça baixa. Dei por mim a segurar o copo de vinho sem o levar à boca, sem o chegar aos lábios, como se uma espécie de intensidade se tivesse apoderado do meu corpo, uma intensidade paralisante que me forçava a fixar, não o pobre rapaz que lutava com a noite, mas a rapariga que naquele momento se voltava, rodando sobre si própria, destapando os ombros e mostrando uma pele dourada como eu nunca antes vira, levando uma mão às costas nuas do estudante. Acariciava-o, o cabelo espesso entre os dedos dela, o queixo longo e perfeito repousando no ombro dele, a outra mão que lhe rodeava as costas e lhe contava as vértebras uma a uma. Depois puxou-o para si, obrigou-o a deitar-se, o cabelo negro e solto envolveu-lhe a face como um manto e o corpo dourado iniciou o movimento.

Não sei dizer o que tomou conta de mim. Se tenho algum cuidado em escrever estas linhas, antes que morra, deve-se sobretudo a um receio de que me entendam mal: a saliva no interior da minha boca não se acumulava à sua visão, as minhas pernas

não tremiam de desejo. Não era desejo, mas uma espécie de ciúme sem desejo, um ciúme descarnado que me fez engolir o copo de vinho de uma só vez, e depois outro; um certo rubor nas faces. Estendendo a mão para o candeeiro, apaguei a luz e, sem conseguir fechar os olhos ou cerrar as cortinas, implorei que aquilo terminasse o mais depressa possível. Compreendera então, julgo, a natureza da minha situação. A solidão de um é amenizada pela solidão de outro, e deste modo, mesmo na miséria, existe uma espécie de partilha, de comunhão, a que não se pode dar o nome de alegria mas algo como um encolher de ombros. O estudante franzino fora durante os meus primeiros meses de isolamento esse encolher de ombros, a minha resignação perante a brutalidade daquilo que me acontecera. Que ele tivesse alguém e eu não perturbava-me, colocava um entrave à nossa amizade, um ponto final no nosso monólogo. De uma certa maneira que não sei explicar senão com palavras incoerentes, até então tinha sido como se eu tivesse dado um passo ao lado que me tivesse feito sair do mundo, um pequeno passo discreto e silencioso de retirada. Após essa noite, o mundo notou a minha falta e deu ele também um passo ao lado, mas um passo do mundo é muito maior do que um passo dos nossos, e num certo sentido eu fiquei atrás das coisas, deslocado.

Enquanto a rapariga da pele dourada se moveu num prazer adivinhado sobre o estudante franzino, tudo o que pude fazer foi engolir em seco, travando a imaginação que trepou sobre mim como uma febre. Podia então ver claramente o rosto dela através da noite limpa, um rosto cheio de prazer, a boca arredondada num som inaudível, os olhos cerrados, os ombros luzidios. Que eles não me pudessem ver na escuridão da sala era um conforto menor, que em quase nada ajudava a languidez que se apoderara dos meus membros, a irritação impotente que me pregava ao sofá. Assim teriam ficado nos braços um do outro, julgo, se não fosse pela intervenção do homem colossal.

Quando a luz no quarto da direita se acendeu, todo o movimento ficou suspenso. O estudante e a rapariga permaneceram imóveis durante um minuto, como duas pessoas a quem tivesse sido pregado um susto, talvez escutando o que faria o outro, que curiosamente só eu via, apenas eu o poderia saber. Depois aconchegaram-se à parede e ficaram à escuta, enquanto o homem colossal caminhava para um e outro lado. Não sei quanto tempo passou até o estudante se erguer e apagar a luz, deixando o quarto na escuridão, mas dentro de mim eu sabia que ele, assim como eu, não iria dormir. Numa outra noite anterior a essa eu teria ficado ali, bebido o resto do vinho, adormecido ébrio ao movimento pendular do homem no quarto iluminado, mas nessa noite, como já disse, alguma coisa havia regressado para me atormentar, na forma daquela rapariga desconhecida, e permaneci desperto.

Havia um silêncio de sepulcro. A fotografia dos mortos parecia querer falar. Precisei de escutar uma voz. Levantei-me, vasculhei os bolsos da gabardina pendurada ao lado da porta, a gabardina *beige* de bolsos largos que usava nos dias de chuva, e encontrei num deles o bilhete que o meu colega ruivo me entregara. Peguei no telefone e marquei o número.

Não comecei a trabalhar para Roy porque precisasse de dinheiro. A companhia de seguros que avaliara o incêndio tomara conta desse detalhe, assegurando que durante algum tempo eu não tivesse preocupações financeiras. Destruição de propriedade com perda de terceiros, talvez fosse essa a cláusula no contrato – e o dinheiro não era muito nem pouco, apenas o suficiente. Foi assim curioso e inesperado que aceitasse trabalhar para um homem que nunca conhecera. Agora, enquanto escrevo antes que morra, é como se escrevesse sobre a vida de outro, sobre o tempo de alguém que não me foi dado conhecer inteiramente,

alguém que sem o saber possuía ainda uma liberdade que não é comum a todos os homens.

Nunca soube exactamente com quem falei nas breves conversas telefónicas à noite. Era sempre à noite que eu recebia o telefonema, e a voz masculina do outro lado deixava-me saber que o homem a quem prestava serviços era conhecido por Roy. Se alguma vez encontrei Roy, esse encontro não é susceptível de ser aqui descrito, nem eu o poderia fazer porque não saberia, mesmo que ele estivesse neste momento perante mim. Roy é muitas pessoas ao mesmo tempo e encontra-se em muitos lugares; aceitar essa premissa é uma condição do contrato que assinei no momento em que marquei o número.

O primeiro telefonema foi apenas uma confirmação de que eu me encontrava preparado para fazer o que teria de ser feito. Na verdade, eu precisava de algo que me distraísse de mim mesmo, que afastasse do meu coração o centro nervoso da minha vida e o colocasse noutro lado qualquer onde fosse mais fácil suportar o isolamento. Porque, após a noite em que vi a rapariga no quarto do estudante franzino, tudo outra vez se transformou em cinzas. Saí à rua na manhã seguinte, coisa que já não fazia há vários dias, e foi como se tivesse dado um passeio pelo inferno. O lixo amontoado às portas, a decrépita e invernosa aparência das árvores despidas, o cheiro usado do metropolitano, as faces anónimas, desconhecidas, menos do que humanas, dos que atravessam a vida como um destino desconhecido. Lembro-me de parar em frente de um quiosque de jornais e de olhar para o céu de um cinzento tão denso que a luz parecia ter sido afogada, de comprar o jornal, de o deitar fora por nada do que lá estava escrito fazer qualquer sentido, de regressar a casa e esperar.

Aguardei em agonia que o telefone voltasse a tocar. Foi esse o único tempo no apartamento em que mantive as cortinas sempre cerradas, e bebi até a embriaguez tomar conta de mim,